

1-21-My Work, 8-4-2002 -> sexta-feira, 14 de Abril de 2006-> 3 destinos possíveis para este merge de série:

a) pdf

b) page maker-in design

c) start de links word



1-21 <bodymind-md-1-13>sábado, 8 de Novembro de 2003- merge de 13 files da série <bodymind> de um fragmento fiz uma palestra na Sociedade Portuguesa de Naturologia, a última que lá fiz (quarta-feira, 8 de Junho de 2005)

+

<bodymind-1>

A LINGUAGEM DA VIDA

[8-4-2002]

Raramente sonho ou raramente me lembro do que sonho. Mas uma noite destas, houve um sonho que me deixou intrigado: eram apenas duas linhas paralelas, no sentido vertical, uma com a seta apontada para baixo e outra com a seta apontada para cima.

O primeiro simbolismo era claro: a linha da esquerda apontava para a terra (matéria) e a linha da direita, com a seta virada para cima, apontava para o céu (espírito=deus).

Os melhores espíritos, desde Freud a Carl Jung, têm-nos avisado de que os sonhos querem sempre dizer alguma coisa. A maior parte das vezes não ligamos ao significado dessa linguagem mas, desta vez, algo me dizia que devia estar atento à informação recebida, até porque já tinha contraído o compromisso de falar sobre alquimia ortomolecular e de modo algum queria trair a confiança do dr. António Cardoso.

E até porque o tema central da minha tese (a que costumo chamar póstuma) era exactamente esse: o que é a informação (a memória, os sinais, o significado, os alfabetos, os códigos, os símbolos) em ciências da vida.

Sendo assim e dada a urgência de corresponder ao acaso (como se sabe não há acaso e Carl Jung falou da lei da sincronicidade), a grande questão do meu sonho tão simplório pode ser formulada de diversas formas mas todas vão dar ao mesmo:

Será a vida uma linguagem? E se a vida é uma linguagem será ela descodificável como, em princípio, as linguagens ou códigos devem ser? E se é uma linguagem não conterá ela uma mensagem, constantemente renovada, a transmitir-nos?

Cada animal tem também a sua linguagem na maior parte dos casos indecifrável. Só quem diariamente convive com 4 ou cinco gatinhos sabe como a linguagem deles é expressiva e como, além disso, cada um tem o seu dialecto próprio e pessoal, que tantas vezes tentamos decifrar (descodificar) a maior parte das vezes em vão.

Li algures que os gatos têm 52 miados diferentes, curiosa coincidência pois - dizem os livros de biologia molecular - os tripletos do ADN molecular são em número de...52. E, ao que nos diz Etienne Guillé, o número dos hexagramas do I Ching é também 52. Aí

fica mais um desafio que nos empurra para a ciência holística da Numerologia, de que tanto nos tem ensinado o nosso querido amigo António Cardoso.

Cada planta tem também, no seu silêncio musical, algo a dizer-nos. Quando recorremos a uma planta medicinal para tratamento do nosso corpo, é essa informação que essencialmente nos irá beneficiar, embora, em termos de ciência bioquímica, se dê outros nomes a essa informação. Temos aqui, claramente, as tais duas linhas verticais do meu sonho:

a) Para baixo, a linha da esquerda é toda a panóplia das ciências analíticas, levando ao pormenor do pormenor os dados analíticos da química, da bioquímica e da biologia;

b) Para cima, todas as tentativas de interpretar a tal informação essencial (talvez vibratória, talvez energética, talvez espiritual) que a planta nos transmite ao absorvê-la.

Referência que devemos reter no labirinto deste sonho é a de um nome célebre (felizmente célebre) e que nos aponta a ciência da vida no sentido do céu: Hispagíria foi o nome, intimamente ligado ao sábio Paracelso, com que ficou nas histórias da Alquimia e é a Hispagíria que devemos sublinhar como mais uma ciência holística da vida. Irá certamente confirmar, quando um dia se fizer a síntese entre ciência experimental moderna e sabedoria ancestral, os dados actuais da bioquímica e da química orgânica.

O que o meu sonho me disse também é que havia de haver um alfabeto comum a todas essas linguagens; e que uma vez aprendido esse alfabeto, poderíamos entender não só a vida, na sua máxima extensão (e portanto a morte, como a outra face da vida) mas as formas particulares de vida, aquilo a que um autor moderno, Rupert Sheldrake, chamou os campos de morfogénese cósmica, englobando nesses campos de morfogénese cósmica não só as formas do mundo mineral, animal e vegetal mas as criações do espírito humano a que chamamos Símbolos, sejam os alfabetos sagrados (sânscrito, hieróglifos egípcios e hebraico) sejam as próprias letras de todos os alfabetos.

Para dar consistência ao meu sonho, apelei para a estante onde reuni livros sobre letras e alfabetos, sob a rubrica genérica de Kaballah, outra das ciências holísticas da vida que podemos ajuntar à linha vertical da direita, a que sobe para o céu. Temos que fazer subir o nível de informação desta linha a caminho dos níveis supernos, dado que a linha da direita nos está a mergulhar, com a genética e a engenharia genética, no abismo dos infernos.

*

O meu sonho disse-me ainda outra banalidade que passo a expor: como disse, havia no espaço, duas linhas paralelas: uma que apontava para baixo e outra que apontava para cima; ambas, no entanto, e apesar de paralelas, partiam de um ponto comum, algures no infinito. Deduzo que esse ponto seria no infinitamente grande e/ou no infinitamente pequeno, já que é suposto os dois infinitos encontrarem-se algures no tempo e/ou no espaço, deixando-nos aqui mais uma interessante questão: tempo e espaço não serão a mesma coisa, sei lá, aquilo a que alguns livros modernos chamam o continuum espacio-temporal e Etienne Guillé chama a dimensão não linear do espaço-tempo.

Uma vez nesta dimensão quântica, acalmei-me quando percebi que não era necessário ler os livros ilegíveis de física quântica e de biologia quântica (já li alguns e fiquei maluco) mas que tinha os 4 volumes de Etienne Guillé que me transmitem, de maneira acessível, a sabedoria quântica indispensável a qualquer mortal que não perceba nada de matemáticas superiores. Mais uma vez a ciência holística da vida, ciência alargada como diz Etienne Guillé, vinha em socorro de um pobre analfabeto que

apenas gostaria de saber o aeiou dessa mesma vida e nem precisava de ser o alfabeto completo.

Mas como eu ia dizendo, deduzo que estas duas linhas verticais, apesar de paralelas, se devem juntar num ponto onde se junta o infinitamente grande e o infinitamente pequeno, o que os hermetistas (adeptos de Hermes Trismegisto) têm designado de macrocosmos e microcosmos. Algures nos dois infinitos, estaria então aquilo a que a ciência moderna chama o ADN molecular, o ácido desoribonucleico, a dupla hélice descoberta por Watson e Crick.

Mas a partir deste ponto comum, o ADN molecular (ver acetatos) é que as duas linhas seguiam em sentido contrário:

a) uma, a partir da descoberta do ADN, usou a ferramenta analítica e, com o microscópio electrónico, entrou na vertigem apocalíptica da hiperanálise, vertigem de que o recente anúncio da catalogação do genoma humano é ainda uma etapa na caminhada para os mundos infernos;

b) a outra linha, com a seta virada para o céu, irá seguir a via, não da hiperanálise mas da reintegração sistémica e sucessiva em esferas cada vez mais amplas do universo global, através das ciências que me atrevo, no geral, a designar ciências do maravilhoso.

Ou seja, enquanto na linha da esquerda - via analítica - a vida deixa de ser vida viva e em movimento (perdendo a sua primordial qualidade que é a neguentropia) para se tornar anatomia na mesa anatómica dos laboratórios, na linha da direita - via holística e sistémica de investigação - é a vida e o movimento da vida o que queremos saber. Mais do que conhecer, queremos saber.

A biologia molecular é assim uma ciência ambígua: ou conduz ao conhecimento analítico da matéria, em permanente e crescente entropia, cada vez mais analítica e afundada na infra-matéria, ou sobe na vertical e vai tendo a visão da água cada vez mais panorâmica.

+

<bodymind-2>

DEEPAK CHOPRA: A CURA QUÂNTICA

«A primeira coisa que é assassinada no laboratório é a delicada teia de informações que mantém o organismo unido» - escreve Deepak Chopra, na sua obra «Cura Quântica», na página 49 da edição portuguesa

Há quem diga que os especialistas em física e biologia quântica nem entre si se entendem. Difícil seria, pois, para um leigo como eu, compreendê-la. Mas tudo indica que a «área quântica» está no centro desta questão que o meu sonho me levantou. Como suspeito de que a ciência quântica anda muito próximo do que aqui demandamos - a bioinformação - socorri-me de Deepak Chopra, um endocrinologista de origem indiana que trabalha nos Estados Unidos e da sua explicação, muito clara e muito elementar (portanto acessível a analfabetos como eu) do que é o «*quantum*».

Diz ele, no seu livro «Cura Quântica» (página 25 da edição portuguesa):

«Um *quantum* é a unidade indivisível na qual as ondas podem ser emitidas ou absorvidas», definição esta que Chopra foi buscar ao físico britânico Stephen Hawking, cuja área de investigação parece também tocar os dois infinitos, espaço e tempo...

Em linguagem de leigos e conforme diz Chopra, o quantum é um «bloco de construção», um tijolo diria eu.

«A luz é composta por fótons, a electricidade pela carga de um electrão, a gravidade por um gravitão e assim por diante, no que se refere a todas as formas de energia - cada uma das quais assenta num *quantum* e não pode ser dividida em nada mais pequeno.»

É irresistível pensar na analogia entre o *quantum* e a letra de um alfabeto: ou seja, nada nos diz que *os quantum* não possam ser as letras de um alfabeto ainda por descobrir. Na certeza de que a ciência analítica apenas poderá, na melhor das hipóteses, conhecer as letras e nunca o alfabeto.

Não devo perder a oportunidade de ligar esta «unidade irreductível» pelo menos a três noções:

a) a célebre mónada sobre a qual o filósofo Leibnitz escreveu um livro terrível : está publicado em português e chama-se «Princípios de Filosofia ou Monadologia», editado pela Imprensa Nacional em Novembro de 1987

b) os «tijolos» da linguagem vibratória de base molecular criada por Etienne Guillé

c) o microcosmos já identificado com o ADN molecular e agora também, claramente, identificado com o *quantum*.

Não esperemos que seja a ciência médica oficial (analítica até ao ínfimo pormenor do microscópio electrónico), virada apenas para a lucrativa análise, a fazer a síntese holística de todos estes interfaces. Mas não deixemos que essa medicina analítica nos continue a lograr e a malograr com o seu discurso totalmente virado para o marketing e a desumana abjecção do negócio, em que a genética, a engenharia genética e a catalogação do genoma se tornaram, a caminho dos níveis infernais da matéria.

Em contraponto, devo confessar, num rápido parêntesis, que me irrita também um certo discurso neo-místico (e em que Deepak Chopra ou o seu tradutor também cai), onde a palavra chinesa shen é barbaramente traduzida por mente e por mental. Os muitos livros que hoje nos falam de energia (como se energia fosse psicologia e não o continuum espaço-temporal que é) usam e abusam da palavra «mental», quando querem falar-nos da dimensão subtil ou vertical do ser vivo.

Como nos prova o acetato dos 7 corpos subtis, que veremos a seguir, o «mental» ocupa apenas um dos níveis vibratórios da hierarquia vibratória de consciência, não podendo nós reduzir e limitar ao «mental» todo o nosso potencial vibratório que é todo o nosso potencial de consciência. A consciência (corrente de consciência lhe chamava William James) não pertence à psicologia, pertence à Noologia ou ciência do continuum espaço-temporal.

Devo dizer que a psicologia, tal como a medicina corrente, no contexto deste fim de festa a que alguns chamam apocalipse e outros kali-Yuga, parece estar investida de uma missão histórica: reduzir o ser vivo em geral e o ser humano em particular aos mais baixos níveis do espectro vibratório. (Mais uma vez, devemos olhar para a linha da esquerda).

Reduzir o superior ao inferior, em termos de frequências vibratórias, não nos ajudará em nada a progredir na subida da vertical, subida e vertical que podemos considerar o que as tradições consideram o processo iniciático e/ou de «cura iniciática».

Repito: o mental está incluído no nível intermédio de uma escala hierárquica onde o shen (ou Tao) se situará no topo (ver acetato dos 7 corpos). E quando se contempla esta escala hierárquica, o potencial energético do ser humano, há que reter várias coisas:

a) aproveitamos menos de um sétimo do nosso potencial vibratório (informação potencial do nosso ADN molecular que não passamos a acto);

b) a informação vinda do topo, do macrocosmos, e que nos deveria alimentar, para que activássemos essa informação, nunca chega ao corpo físico por obstáculos e bloqueios vários, que vão desde o condicionalismo genético, às poluições ambientes e aos bloqueios químicos que hoje intoxicam as nossas células;

c) se a informação do macrocosmos ou das estrelas não chega ao microcosmos do ADN molecular que é apenas o espelho do macrocosmos, este não pode funcionar correctamente, porque lhe falta a totalidade da informação necessária: chamamos de funcionamento ortomolecular quando essa alimentação cósmica se verifica como sua condição *sine qua non*

d) as sinapses da célula, que a biologia académica conhece, são um bom exemplo dessa intercomunicação entre céu e terra, macro e microcosmos (arranjar a imagem de uma sinapse)

e) o cancro é uma doença de informação : ou seja, quando a célula se divide, o momento da réplica é decisivo: se a informação é correcta, gera-se uma nova célula saudável; se não é correcta, gera-se uma célula doente (ver acetato).

E já que falámos de sinapses, lembremos também as dendrites – filamentos ramificados que ligam as células nervosas umas às outras – e que é outra palavra-chave a juntar ao nosso glossário básico de bioinformação.

Segundo a ciência analítica, as dendrites servem de cabos condutores, permitindo que um neurónio envie sinais aos seus vizinhos.

«Ao desenvolver novas dendrites – diz Chopra – um neurónio pode abrir novos canais de comunicação em todas as direcções, como uma central telefónica ao distribuir novas linhas.»

A metáfora do telefone não podia ser, de facto, mais apropriada, quando nos encontramos em plena área da informação e da comunicação intermolecular. Embora, como direi adiante, a metáfora da Internet ou comunicação em rede ainda seja mais sugestiva e talvez mais apropriada.

+

<bodymind-3>1-2 quinta-feira, 10 de Abril de 2003-novo word

HAHNEMANN E A «MEMÓRIA DA ÁGUA»

São bem conhecidas as célebres diluições centesimais do médico alemão Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843), abreviadamente CH, base da terapia homeopática por ele criada.

O CH significa que se considera 1 gota (ou um grama) da substância bruta e que se dilui em 99 gotas de álcool fraco; e que, seguidamente, se considera 1 gota desta primeira mistura que, por sua vez, se dilui em 99 gotas de álcool; e assim sucessivamente.

Uma diluição dita 4 CH significa que se praticou 4 vezes esta operação de laboratório. Entre cada operação deverá agitar-se a diluição, realizando aquilo a que se chama «dinamização».

Perante este quadro, e mais uma vez, era de prever que se repetiria a polémica que acompanha a criação científica.

Os dois lados ficaram mais uma vez frente a frente: e por mais que o sr. Jacques Benveniste escrevesse livros e artigos nos jornais, explicando o que é a «memória da água» (linha vertical do lado direito em sentido ascendente), a ciência médica oficial, sempre no sentido descendente, teimava em dizer que a homeopatia era uma ficção, porque após sucessivas diluições acaba por desaparecer todo e qualquer átomo da substância usada.

Mas fica a informação – gritam os hahnemannianos, que não hesitam em apelar para o nível quântico da realidade energética, argumento que mesmo assim não consegue convencer os cientistas puros da pura matéria.

Mais uma vez se conclui que não serve de nada querer dialogar com linguagens diferentes e que as duas linhas verticais, caminhando em sentidos opostos, jamais se irão encontrar, até porque são paralelas...

O que cura, sabe-se hoje, depois da descoberta de Etienne Guillé, é a informação comunicada ao ADN e não (apenas) a substância em dose ponderal que corre quase sempre ou sempre o risco de ser tóxica (de operar, portanto, como contra-informação).

Está assim aberta, com a homeopatia de Hahnemann e com a «memória da água» do professor Jacques Benveniste, mais uma porta para o infinito. Com a ajuda de Deepak Chopra (e a sua cura quântica) , de Etienne Guillé (e a sua gnose vibratória), de Linus Pauling (e a sua medicina ortomolecular), podemos ter hoje a certeza de que a cura é interinformação ou intercomunicação molecular.

Se a informação necessária à vida e à célula viva consegue passar, temos saúde. Se a informação, por qualquer bloqueio, não passa ou passa dificilmente, temos a doença.

O que nenhum destes autores assegura mas que no meu sonho parece uma certeza, é que é o próprio ADN, que contém toda a sabedoria do universo, a saber o que deve ou não deve fazer para assegurar a saúde ou funcionamento ortomolecular.

Haveria, segundo alguns sonham, em momentos privilegiados (o lugar, o momento e o estado como refere a lei de ressonância vibratória), ou também em momentos de grande stress físico e/ou emocional, a capacidade de fazer passar a informação correcta para os lugares certos. Estaríamos perante aquilo que os cépticos apelidarão de «milagre» e os crentes apelidarão de «cura quântica». E, em todas as grandes tradições do sagrado, «cura iniciática».

Em qualquer caso, um mistério que provavelmente nunca será desvendado porque se confunde com o próprio mistério da vida. E não devemos ser arrogantes, pressupondo que todos os mistérios são desvendáveis ou para desvendar.

«A cura tem uma vida própria, é complexa e holística» - diz Deepak Chopra, fazendo saltar assim para a cena a outra palavra-chave desta nossa viagem em demanda da informação nas ciências da vida: a palavra holística tem também a ver, na sua essência, com a informação.

Como os net-maníacos (maníacos da Internet) já constataram, o modelo informativo dado pela Internet, hoje, não é linear mas em rede. A simultaneidade (tal como a sincronicidade a nível cósmico) aparece como outra palavra-chave no modelo de «informação em rede» que nos é proposto como quintessência da modernidade.

Mas a respeito de modernismos, apenas queria mostrar-vos um baixo relevo egípcio da época dos faraós.

Segundo Etienne Guillé, essas duplas hélices, tão frequentes nos baixos-relevos do Antigo Egipto, seriam a mesma dupla hélice do ADN molecular, descoberta, em (?) [---] pelo bioquímico norte-americano James Dewey Watson (n. 1928), em colaboração com F. Crick e M. Wilkins, e pela qual recebeu o prémio Nobel da Medicina. É considerada, por alguns, como a data mais importante da história humana, depois do Big-Bang.

Temos assim, e muito provavelmente, a mais remota antiguidade dos hieróglifos egípcios (a linha ascendente do conhecimento) a acompanhar a ciência moderna (linha descendente do conhecimento).

+

<bodymind-4> quinta-feira, 2 de Maio de 2002

INTELIGÊNCIA DA CÉLULA E PSICOSOMÁTICA

Enzimas e hormonas são dois conceitos da fisiologia que intuitivamente sugerem funções de bioinformação, sinais mensageiros que emitem informação.

Lembro, por exemplo, o que nos é dito da hormona inibidora da diurese. (<diurese>)

Ninguém pode negar, por outro lado, de que maneira as emoções estreitamente se ligam ao fluxo diurético. A relação ou ligação entre emoções e hormonas não escapa mesmo ao observador leigo e desatento.

Estejamos nós, estudiosos da bioinformação, minimamente atentos a mais essas interligações.

QUÍMICA DO CÉREBRO

Claramente também uma questão de bioinformação é a química do cérebro (e a famosa ciência psicosomática!) sugerindo que a comunicação intercelular comanda, inclusive, as nossas emoções.

Como diz Deepak Chopra, citando um livro que foi *best-seller* nos Estados Unidos, o leite, o frango, as bananas e os vegetais verdes fazem parte dos alimentos «felizes», pois estimulam a dopamina e mais duas outras substâncias cerebrais «positivas». Os doces e as gorduras, em contrapartida, são alimentos tipicamente tristes, porque estimulam a acetilcolina, uma substância química negativa.

Para sabermos mais sobre esta química do cérebro, lembro o que a ciência analítica já sabe sobre as hormonas e recomendo a leitura dos seguintes livros em edição portuguesa :

Jean-Marie Bourre – Comida Inteligente – A Dietética do Cérebro – Ed. Gradiva, Lisboa, 1993

Eva Campo - Alimentar o Cérebro – Alimentos e Substâncias mais eficazes para estimular a nossa actividade mental – Ed. Estampa – Lisboa, 1999

E porquê apenas estes dois títulos, se a ciência já tem publicado milhares sobre a química e bioquímica do cérebro? Precisamente porque são dois dos poucos a situar-se, a partir dos alimentos e da dieta, na linha ascendente ou holística que nos religa a esferas e níveis cada vez mais globais do conhecimento e da vida.

Neste, como em outros casos, a ciência analítica (linha da esquerda de sentido descendente) pulveriza os conhecimentos até ao mais ínfimo pormenor, afastando-nos do essencial que, por sua vez, está cada vez mais em cima e deve seguir a linha vertical ascendente.

O exemplo que acima citámos, dos alimentos «tristes» e «alegres», pode ser confirmado na medicina tradicional chinesa (a primeira medicina holística do mundo) e no sistema dos 5 elementos (ou esferas energéticas como prefiro chamar-lhes) em que ela se baseia.

(Ver acetatos e quadros, na pasta [5 elementos-BM])

Por experiência própria, posso testemunhar que, de facto, abusando dos doces e gorduras, a melancolia, a tristeza, o aborrecimento, o fastio de viver são mais acentuados. A esfera energética em causa é a Terra ou Baço-Pâncreas/Estômago. O que já se sabia, há milhares de anos, está agora a redescobri-lo, conforme os dois livros acima citados confirmam.

«A alegria torna mais lento o fluxo da energia; quando alguém ri sem poder parar, torna-se incapaz de se movimentar» - diz um autor chinês, que acrescenta:

«Na tristeza, a energia não flui, goteja. Sobrevém acidez.». E ainda: «O medo impele a energia para baixo; há uma queda violenta de líquido claro. (Urina clara é muitas vezes expelida depois de um susto)»

Estas citações apresentadas por Félix Mann, no seu livro sobre acupunctura, exemplificam de maneira muito expressiva até que ponto a medicina tradicional chinesa, além de holística ou por isso mesmo, é a primeira psicossomática do mundo, que talvez a psicossomática moderna não consiga superar.

Mas o livro que conheço mais fascinante sobre esta psicossomática milenar é de um autor moderno, que aliás já esteve nesta sala a falar mas, infelizmente, sobre outros assuntos mais prementes. Isso não o impede, no entanto, de ser uma personalidade incontornável da medicina tradicional chinesa em geral e da acupunctura em particular.

Refiro-me ao Dr. Yves Requena e ao seu livro «*Acupunctura e Psicologia*» publicado em 1990 pela Andrei Editora, de São Paulo, conhecida pelos preços exorbitantes dos seus livros, considerados técnicos e não de divulgação.

CÉREBRO E SISTEMA NERVOSO

Equívoco frequente na literatura médica sobre a actividade fisiológica do cérebro, deve ser assinalado. Sempre que se fala de informação e de corrente que faz passar a informação, a ciência médica localiza imediatamente no sistema nervoso a sede dessa corrente informativa.

Quem sou eu para contrariar a senhora autoridade da ciência médica? No entanto, acho que seríamos mais correctos ao situar no ADN molecular a sede de toda a intercomunicação.

É restritivo considerar a passagem de informação apenas em dois órgãos: sistema nervoso e cérebro. Como nos diz a medicina chinesa dos cinco elementos (madeira, fogo, terra, metal e água) a inteligência do organismo está em todos eles e todos eles falam uma linguagem que teremos de reaprender: felizmente que temos já, entre nós, além de bons acupunctores, bons mestres do yin-yang e dos cinco elementos que nos ajudam nessa tarefa. É mais um contributo para a linha vertical ascendente do nosso sonho.

Se me disserem que um medicamento químico também introduz uma informação no organismo e que é essa a sua função terapêutica, estou de acordo. Mas terei de acrescentar que, sendo o medicamento tóxico, a informação torna-se contra-informação e não estou a falar dos bonecos da televisão.

Informação tóxica é contra-informação e, portanto, anti-terapêutica. As sequelas do medicamento químico são exactamente a esse nível: o organismo fica «tonto», é como se a sua natural inteligência se perdesse. Porque há uma «inteligência da célula», e enquanto a função dos alimentos, dos bons alimentos e dos medicamentos naturais, é respeitar e promover essa «inteligência da célula», a química farmacêutica tem o papel de a confundir.

É mais um caso em que as duas linhas do nosso sonho são mesmo de sentido contrário.

Defendida por Deepak Chopra e alguns (poucos) biólogos, a tese da «inteligência da célula» abre inesperados caminhos à ciência em geral e à ciência médica em particular.

É um bom item para pesquisar na Internet e nos livros. Tratar e curar não é intervir de maneira cada vez mais drástica e violenta, como fazem aliás as duas medicinas, alopática e naturopática, embora uma mais violenta do que a outra, mas abrir espaço a que a inteligência da célula se manifeste, sendo ela a curar e não uma acção externa qualquer, por mais sintomas que essa acção diga tratar.

O que vai dar também à questão da imunidade: a verdadeira cura é a imunidade natural do organismo que a realiza. O resto são sintomas que mais ou menos se mascaram ou abafam. Segundo o sonho de alguns, Imunidade tem muito a ver com esta inteligência da célula e não apenas com alguns órgãos específicos onde é costume a ciência médica moderna sediar a imunidade: glóbulos vermelhos e espinal medula, por exemplo.

A concepção da imunidade segundo a ciência analítica é, na melhor das hipóteses, apenas uma parte da questão. Também aqui, queremos a ciência alargada do nosso sonho.

+

<bodymind-5> quinta-feira, 2 de Maio de 2002

A CERTEZA ALQUÍMICA

Michio Kushi, com o seu livro «*The Philosophers 'Stone*» - um guia para a Alquimia, a Transmutação e uma Nova Ciência, como diz o subtítulo (publicado em 1994) - é outra data marcante do nosso percurso à descoberta da bioinformação. É o único autor moderno, além de Etienne Guillé, a ter a percepção de que pela alquimia ou grande mutação do ser humano passa hoje a viragem de paradigma cósmico e, portanto, do comportamento humano no Planeta Terra. Pela Alquimia poderemos acrescentar mais uma ciência de peso à nossa linha vertical ascendente.

Michio Kushi conta a sua experiência «alquímica» e, embora um pouco céptico sobre os resultados práticos da operação (fabricar ouro!), fica desse relato a informação essencial. Ao falarmos de metais, de sais minerais e de oligoelementos, estamos de certa maneira e talvez a níveis subtis não conscientes, a tocar o coração da «grande obra» ou experiência alquímica.

Duas outras datas são decisivas nesta consciência:

a) O contributo de Etienne Guillé, ao descobrir que na heterocromatina constitutiva (uma parte do ADN molecular normalmente menosprezada pelos biólogos) existiam vestígios dos sete metais que os alquimistas costumavam atribuir aos 7 planetas então conhecidos

b) Um livro fascinante, de um jornalista italiano, Emílio de Paoli, vem confirmar com mais dados da ciência analítica, esta hipótese de Etienne Guillé que deixa de ser uma simples suspeita para se tornar uma quase certeza. Eu diria, com a ajuda de Etienne Guillé, uma grande certeza.

Em tradução portuguesa, o livro de Emílio de Paoli chama-se «O Poder Curativo dos Metais» e foi publicado pelas Edições 70 em Janeiro de 1991.

É irresistível, no mínimo, apresentar a tabela de correspondências (princípio de ressonância entre os corpos) que aparece na página 95 do livro de Emílio de Paoli.

(Ver acetato)

+

<bodymind-9>

O SILÊNCIO DAS PLANTAS E A LINGUAGEM UNIVERSAL

Se é relativamente fácil de aceitar que os animais falam connosco e entre si, e que os animais tenham uma linguagem, embora a maior parte das vezes não possamos entendê-la, já será mais difícil de aceitar que as plantas «falam». E mais difícil ainda, que as pedras falam. Sempre se considerou o reino mineral, o reino do silêncio.

(Silêncio das Plantas é o título de um interessante texto de Michio Kushi (????) que tenciono incluir nos anexos (links) desta palestra.)

No entanto, a experiência do pêndulo vem alterar esta certeza empírica dos nossos 5 sentidos e mostra-nos, com toda a simplicidade, mas também com toda a fiabilidade, de que tudo «fala», já que tudo vibra e, em última análise, a linguagem é um fenómeno vibratório: clara e obviamente vibratório quando, na voz humana, ou na voz dos animais, são as cordas vocais a vibrar.

Disse que tudo vibra e o pêndulo de radiestesia, segundo o método de Etienne Guillé, prova – o. Com uma única excepção em todo o universo conhecido e que o pêndulo de radiestesia holística também deverá comprovar: o plástico.

O pêndulo de radiestesia holística funciona assim como «máquina de traduzir». Com uma vantagem: a linguagem vibratória de base molecular, como Etienne Guillé a baptizou, é universal, ultrapassa a barreira dos idiomas, a grande confusão immortalizada pelo mito da «torre de babel».

Babel, neste contexto, é muito mais do que um mito eterno, é a revelação «*avant la lettre*», de que tudo comunica com tudo. Perdemos foi a chave dessa comunicação. E o que a emergente era zodiacal do Aquário (?), nascida em 26 de Agosto de 1983, tem para nos dar, entre outras coisas maravilhosas que teimamos em rejeitar, é a aurora dessa linguagem original.

Contam as lendas «o tempo em que os animais falavam». Provavelmente as lendas falam verdade: e tempo houve, não muito remoto, aliás, em que os animais falavam: ou antes, em que todos entendiam a sua linguagem.

Mas sejamos ambiciosos, porque não só podemos como devemos ser ambiciosos: e com esta pedra vinda de Foz Côa, tocando nela com a mão esquerda, verifiquemos com o pêndulo na mão direita que essa pedra «fala» e não é um discurso vulgar:

a) para já, vibra alguns níveis acima do que seria suposto vibrar uma estrutura mineral (? Acetato dos 7 corpos).

b) Depois, em termos de frequência vibratória, é significativo que essas mesmas pedras consigam vibrar não só acima da média do ser humano, mas também acima de estruturas como a homeopatia, as árvores e as flores que são, no reino natural, as que atingem níveis de informação vibratória mais elevados.

Sobre a linguagem universal, gostava de lembrar que é hoje um tema emergente em alguns ilustres representantes da mentalidade dominante, como Umberto Eco, na obra «A Procura da Língua Perfeita» (Ed. Presença, Lisboa, 1996), mas que foram exactamente algumas gerações de naturistas e vegetarianos que puseram em foco, com o esperanto, o tema dessa linguagem universal.

O facto de a «linguagem vibratória de base molecular», criada por Etienne Guillé, não ter rigorosamente nada a ver, nem com o esperanto, nem com outras tentativas análogas de criar um idioma internacional, não impede que ela se inscreva na irresistível tendência do espírito humano para usar uma só linguagem e falar um só idioma.

+

<bodymind-11>

O LIVRO DA VIDA

«A intuição não é contrária à razão, é apenas qualquer coisa fora da província da razão.» - Carl Gustav Jung

A psicologia fala de «intuição», a radiestesia holística de 6º sentido, Sócrates dizia-se possuído por um «*daimon*», Goethe falou de «*doppelgangers*» e Maurice Maeterlinck chamou o «hóspede desconhecido» a essa entidade protectora, especificamente encarregada de velar por nós.

Mudam-se os tempos, mudam-se os nomes, mas a ideia central de um «anjo da guarda» (vinda da tradição cristã) persiste como constante do espírito humano.

Razão esta mais do que suficiente para lhe dedicarmos, na ciência holística da vida, a atenção que a ciência analítica e ordinária lhe nega: Brian Inglis, autor do livro que em brasileiro foi editado com o título «O Mistério da Intuição» mas que no original inglês se chama «O Hóspede Desconhecido» (*The unknown guest*), explica assim um pouco do que é esse «hóspede desconhecido»:

«Há outro ser, mais secreto e muito mais activo, que apenas começamos a estudar e que é, se descermos ao leito de rocha da verdade, nossa única existência verdadeira. Desde os recantos mais obscuros do ego, ele dirige a nossa verdadeira vida, a que não morrerá, e não presta atenção ao nosso pensamento, nem a coisa alguma que emane da nossa razão, a qual acredita que ele nos guia os passos. Só ele conhece o longo passado que precedeu o nosso nascimento e o futuro sem fim que se seguirá à nossa partida desta terra. É ele mesmo esse futuro e esse passado, todos aqueles de que brotamos e todos aqueles que brotarão de nós. Representa no indivíduo não somente a espécie, mas também o que a precedeu e o que a ela se seguirá; e não tem começo nem fim; eis aí porque nada o toca, nada o move que não diga respeito ao que ele representa.»

Curioso na descrição de um fenómeno estudado pela psicologia – a intuição – é o paralelismo deste texto de Maeterlinck com as descrições que hoje podemos ver bastante divulgadas sobre o ADN molecular e o código genético que nele se contém.

Jean Noel Kerviel, no seu opúsculo «A Procura da Pedra Filosofal», compara-o mesmo a um livro onde podemos ler toda a informação passada, presente e futura.

(Diagrama 53)

Referindo-se a «este ADN muito complexo» - Kerviel sublinha um facto que dá que pensar: «um a dois metros por célula perfazem, colocados ponta a ponta, para os 600 biliões de células que constituem o nosso organismo, uma distância superior a 600 vezes a da Terra ao Sol.»

Ora – sublinha ele - é «sobre este ADN muito complexo que estão inscritos: o nosso código genético, a nossa hereditariedade, tudo o que foi vivido pela vida desde que ela existe, tudo o que poderá ser vivido no futuro (a potencialidade para que esta ou aquela coisa se produza está já inscrita) e o modo de funcionamento desta molécula, sem esquecer algumas páginas em branco que são a imagem da nossa estreita e real liberdade.»

Esta passagem de Kerviel, não só dá que pensar como nos remete para a questão vertical do nosso sonho: a informação em ciências da vida. De facto, nada mais apropriado do que comparar o ADN molecular a um livro ou, como faz Maurice Maeterlinck, a um «hóspede desconhecido».

Aqui o citamos com ênfase, por nos parecer que exorbita da psicologia académica para nos apontar pistas no sentido de compreender o nosso mundo vibratório e a informação que dele recebemos e através dele transmitimos. Sem que a ciência analítica saiba nada desse mundo vibratório, ou já tenha esboçado algum esforço sério para o saber.

Recorde-se que o último livro de Etienne Guillé, publicado no ano 2000, se chama «O Homem e o Seu Duplo», sendo «duplo», neste caso, a palavra que podemos ir buscar à tradição iniciática dos hierofantes do antigo Egipto faraónico.

Interfaces à vista para este «duplo» que, no livro de Etienne Guillé, é considerado por oposição ao que ele designa por «ser directo», são alguns dos itens emergentes na actual conjuntura do meio considerado esotérico, como por exemplo: o tarô, a geomancia, o I Ching, a profecia, a numerologia, a parapsicologia, a astrologia, etc.

A propósito de hierofantes, no «Dicionário da Fábula», edição Figueirinhas, Porto, 1945, lê-se o seguinte:

« Hierofantes, o primeiro dos sacerdotes, e hierofanta, a primeira das sacerdotisas de Hécate. Também se chamava Hierofantes àquele que presidia aos sacrifícios, dos quais ordenava e explicava todas as cerimónias.»

Na «Nova Enciclopédia Larousse», Ed, Selecções Readers' Digest, Lisboa, 1983, lê-se :

«Hierofante - Grande sacerdote que presidia ao culto de Elêusis, na antiga Grécia. - Aquele que se presume único conhecedor dos mistérios, das ciências ou das artes. »

Será uma definição simples e vulgar, mas é para dizer que, de várias enciclopédias consultadas, só estas duas registam a palavra e, mesmo assim, limitada à Grécia antiga, sem qualquer referência aos hierofantes dos mistérios egípcios.

+

<bodymind-12>

VITALISMO, O GRANDE ESQUECIDO

Sabe-se que foi no tempo de Aristóteles mas ninguém se atreve a atribuir ao filósofo da «Metafísica», (responsável, em grande parte, pela ciência analítica moderna), a autoria de uma das teorias que melhor têm resistido ao tempo e à erosão das modas provocada pela ciência analítica moderna, que nesse aspecto ganha a todas as marcas de detergentes, sempre com uma «novidade» para anunciar, novidade que automaticamente envelhece a moda ou novidade do dia anterior.

Estou a falar da teoria vitalista ou «vitalismo», segundo a qual existiria um princípio vital discriminador (chamado «força vital») nos organismos vivos, princípio esse que está ausente na matéria não viva.

Salta à vista o paralelismo entre esta «força vital» dos tempos aristotélicos e o célebre Ki dos chineses que, a pouco e pouco, se tem tornado familiar aos ocidentais, através dos estudiosos da medicina tradicional chinesa e do yin-yang alimentar, mais conhecido, desde George Oshawa, por «macrobiótica».

Alguns foram encontrar um conceito semelhante no «prana hindu». Todos estes encontros com o passado provam que, à ciência moderna, continua a faltar aquilo que as grandes culturas da antiguidade já sabiam: a consciência do global, o global da consciência. E que as pessoas, intuitivamente, sentem essa falta, aproximando-se, às vezes em zig-zag, dos legados orientais e extremo-orientais, que a pouco e pouco vão chegando ao Ocidente, apesar da vigilância policial que o pensamento dominante continua a exercer para impedir qualquer manifestação fora e diferente da sua preclara ditadura.

Nos livros de yoga, o *prana* é definido como a «força onnipotente que movimenta o universo.» Um médico, o Dr. Steven Brena, no seu livro «Yoga and Medecine», explica:

«No ar que respiramos, além do oxigénio, nitrogénio e hélio, há também luzes, sons, cores, raios ultravioletas e infra-vermelhos (? - acetato do espectro), ultra-sons, radiações Alfa, Beta, Gama, etc.».

É uma explicação que talvez agradasse à ciência ordinária, se ela quisesse preocupar-se com uma compreensão global do todo, em vez de reduzir a realidade a partes cada vez mais pequenas e desligadas do seu contexto global. Na atmosfera, com efeito, e ainda segundo Steven Brena, «existe uma infinita variedade de vibrações electromagnéticas, operando em diferentes comprimentos de onda. Algumas, muito poucas, afectam os nossos órgãos dos sentidos, enquanto a maior parte se perde, a não ser que recorramos a equipamentos especiais como a rádio, a televisão, o radar e outros semelhantes.» (Acetato do espectro)

Segundo Brena, «as ondas electromagnéticas atravessam a atmosfera mas não pertencem à atmosfera. São manifestações de uma energia única – a energia cósmica, o Prana dos hindus, aquela ainda misteriosa entidade de que é feito o Cosmos, que, na moderna física, representa o único conceito do Absoluto. Pois, no nosso mundo de relatividade – sublinha ainda Brena – a velocidade da luz, manifestação vibratória do Cosmos, é o único dado absoluto, além do qual a imaginação humana não pode ir.»

O espectro electromagnético evocado por Brena, a propósito de ki, prana e força vital, podemos vê-lo num acetato.(? acetato do espectro).

Alguns filósofos naturistas foram também grandes entusiastas desta «força vital» que a ciência analítica critica e faz por deixar no esquecimento, como fez aliás ao longo dos tempos e pelo menos desde Aristóteles.

Mais modernamente, os franceses, sempre patriotas e chauvinistas, sempre a puxar a brasa à sua sardinha patriótica, atribuem o conceito de «vitalismo» a Georg Ernst Stahl (1660-1734) e consideram P.J. Barthez (1734-1806), chefe da Escola de Montpellier e autor de «Novos Elementos da Ciência do Homem», o teórico mais brilhante do «vitalismo» em França.

De qualquer modo, trata-se de mais uma palavra-chave que o investigador da bioinformação deve continuar a estudar e a investigar, pois, à semelhança do que aconteceu com o Ki, a «força vital» - ideia-chave do «vitalismo» - tem ainda muito para dar à ciência holística da vida. São pistas a não perder de vista, quer viajemos pelo mundo da Internet, quer viajemos pelo mundo clássico dos livros. Até porque aquilo que a ciência ordinária mais menospreza ou critica é, regra geral, que tem mais interesse e potencialidades...

Na sequência dos vários nomes que através das épocas e das culturas foram dados à «quintessência» do universo, é muito esclarecedor, para o nosso estudo sobre bioinformação, o que os livros nos informam sobre Éter e Etérico (? Que enciclopédia consultei)

+

<bodymind-13>

RESTOS DE APONTAMENTOS SOBRE <BODYMIND>

É de Albert Ducrocq, no seu livro «O Romance da Vida» (página 23, da tradução portuguesa), uma sugestiva descrição do que ele chama o «alfabeto biológico», e que define assim:

« Pelo seu número e pela forma como se associam, pode dizer-se que os ácidos aminados constituem um verdadeiro «alfabeto biológico», sendo uma microproteína a imagem de uma palavra.»

E ainda: « O «alfabeto» dos ácidos aminados é judiciosamente empregado, situação esta que confere à linguagem da vida uma espantosa concisão.»

De facto, o alfabeto ogâmico dos druidas celtas, preserva ainda as informações cósmicas de eras zodiacais em que o número de ouro predominava; é o caso, também, dos gatos e golfinhos: ou das civilizações que ergueram pirâmides como aparelhos de «relais» do homem com o cosmos . (Copiado para <reinu-2>)

Relembrar : hexagramas e tripletos são 64 (emendar na palestra!)

Os que vivem, vivem dos mortos - A. Artaud

Ciências de interface é uma proposta para uma nova classificação das ciências.

Telemóveis : Como vamos lidar com esta nova invasão de baixas frequências?

Mais 2 itens - títulos AC (lembrete):

Notícia de Etienne Guillé

Nomeação das Energias

<classif> - superfile de 23 páginas, anexo a todo o trabalho:

- a) Tese
- b) Palestra
- c) Homepage

Ainda falando do fluxo urinário, temos de lembrar os electrólitos, nome científico dado aos sais necessários da nossa química sanguínea e filtrados pelos rins. Por um qualquer feliz acaso, a ciência colocou na palavra «electrolítico» uma raiz que sugere irresistivelmente a «actividade eléctrica da célula» - tema a que normalmente não se dá a atenção que merece.

No entanto , de certeza que um dos capítulos de máxima relevância em bioinformação, é essa «actividade eléctrica da célula».

Citemos também, no itens relacionados com o bodymind e nesta linha ininterrupta que vem da mais remota antiguidade, um homem surgido da escola de Segismundo Freud: Wilhelm Reich e a sua engenhosa teoria do «órgon», energia que estaria presente na atmosfera [...]

+

<bodymind-0>

PALAVRAS-CHAVE PARA COMPREENDER A VIDA COM MÍNIMO RECURSO À NOMENCLATURA TÉCNICA DA BIOLOGIA MOLECULAR

Biocosmologia

Cosmobiologia

Biocronologia

Cronobiologia

Bioritmologia

A Linguagem da Vida

Alquimia da Vida
Psicosomática

Bioclimatologia
Biogeografia
Biologia médica
Bioquímica das emoções e dos sentimentos
Bioquímica das radiações ionizantes
Bioquímica do trabalho e das doenças do trabalho
Bioquímica dos consumos tóxicos e perigosos
Bioquímica da iatrogenese (doenças da medicina)
Bioquímica do stress
Cronobiologia (ritmos, ciclos e ondas)
Biocídio
Biocracia
Corpo não dorme
Relógio biológico
Bioritmos
Teledetecção
Campos de morfogénese cósmica
Poluição eléctrica e Maschiterapia
Biometeorologia
Epigénese
Cosmogénese
Antropogénese
Noogénese
Ortomolecular
Cosmoterapia
Corpo eléctrico
Bioagricultura
Bioenergética chinesa
Espectro electromagnético
Homeostase
Receptores electro-magnéticos
Memória genética (código genético imutável)
Informação genética
Inteligência da célula

+

<bodymind-6> quinta-feira, 2 de Maio de 2002

TESE PÓSTUMA
ITENS DE REFERÊNCIA
(POSSÍVEIS **LINKS NO FRONTPAGE**)

BODYMIND – 1

Miados dos gatos (52 ? – tripletos?)
Sinapses (? arranjar imagem)

Watson e Crick
Continuum espaço-temporal (? Acetato do espectro electro-magnético)
Física e biologia quântica
Silêncio das Plantas (? File <maeterlick> e outros : <paracelso>, etc)
Rupert Sheldrake (? ficha bio-bibliográfica)
Campos de Morfogénese Cósmica (???? Imagens já em acetato?)
Alfabetos (? Exemplos de alfabetos – descobrir acetatos)
Kaballah (? – link para 12 ciências sagradas)

BODYMIND-2

Área quântica
Deepak Chopra
Stephen Hawking
Monadologia (Leibnitz)
Mental
William James (a confirmar continuum energético)
Apocalipse
Kali-Yuga
Cura iniciática
7 corpos (acetato)
Continuum energético (acetato)
Sinapses
Cancro - doença da informação (???? - procurar file com citação)
Divisão celular e Alquimia (???? acetato)

BODYMIND-3

Hahnemann
Memória da água (Jacques Benveniste)
Jacques Benveniste (memória da água)
Lei da ressonância vibratória
Holística
Sincronicidade (Carl Jung)
Carl Jung (Sincronicidade)
Simultaneidade
Baixo relevo com a dupla hélice (acetato)
Data da dupla hélice (????)

BODYMIND – 4

Hormona (adrenocorticotrofina?) -> file <diurese>
Medicina tradicional chinesa
Bioquímica do cérebro
5 elementos (quadros-acetatos)
Inteligência do organismo
Contra-informação em biologia
Imunidade psicosomática
Jean-Marie Bourre

Eva Campo
Yves Requena
Informação Tóxica
Deepak Chopra

BODYMIND-5

Michio Kushi sobre Alquimia (???? Falta data do livro e file com o texto que scannei em tempos)

Emílio de Paoli
Heterocromatina constitutiva (???? Acetato)

BODYMIND – 9

O Silêncio das Plantas (???? Artigo de Michio?)
Linguagem vibratória de base molecular (???? Diagrama/acetato da grelha vibratória)
Era zodiacal (????) do Aquário
Linguagem original
Pedra de Foz Côa (???? Testar)
Umberto Eco - « A Procura da Língua Perfeita »
Esperanto (???? Datas)

BODYMIND – 11

Carl Gustav Jung
Sócrates
Radiestesia holística
Goethe
Jean Noel Kerviel - «A Procura da Pedra Filosofal»

BODYMIND-12

Aristóteles – Metafísica????
Força vital
Ki
George Oshawa
Prana
Macrobiótica
+
<bodymind-7>

BIOINFORMAÇÃO : A a Z

Adrenalina
Análise laboratorial
Autoregulação

Auto-tróficos
Biocatalizadores
Biocibernética
Bio-cronologia
Bodymind
Circuitos do cérebro
Condução do estímulo
Dopamina
Efeito placebo
Electromagnetismo
Encefalinas
Endorfinas
Enzimas
Estímulos sensoriais
Feromona
Hipófise
Hipotálamo
Holograma
Interferon
Interleucina
Iridologia
Jejum terapêutico (pausa no organismo para restabelecer a informação correcta)
Medicina do terreno orgânico
Mensagens
Metabolismo
Moléculas mensageiras
Morfina
Neurobiologia
Neurotransmissores
Órgãos dos sentidos
Osmose
Pituitária
Pontos de contacto
Postos de recepção
Rede de informações (Drª Candace Pert, Chopra pg 78)
Salto quântico
Sinais
Sinapses
Sinergia
Teleacção do ADN
Tolerância à dor
Watson e Crick

ANTAGONISTAS COMPLEMENTARES : A a Z

Céu-terra
Matéria-espírito
+
<bodymind-10>

A LINGUAGEM DA VIDA
FILES RELACIONADOS (LINKS)
COM ITENS DA PALESTRA-I
(pesquisar nas duas caixas de fichas)

A a Z

<ace-1>
<aed-série>
<aed-0>
<alexa-1> - palestra urgente
<amq-1> = <esbs-16>
<aos->
<apdn-1>
<apdn-série> +++ palestra urgente
<babel-0> - palestra urgente
<bailey->
<bbav-1>
<bio-1> - 28-12-96 + urgente
<ca-3> - 25-11-96
<cama-2>
<cdb-7>++
<cdb-série> +++ palestra urgente
<cdm - - 3> - p/ obituário AC
<ceac-série>
<cercos->
<cfv-1> - 2-1-99 +++ palestra urgente
<chopra-1> +++ palestra urgente
<circ-1> + palestra urgente
<da-14>
<da-18> +
<da-2>
<dia 13 - 3> - p/ abrir a palestra [bodymind]
<diagra-1>++
<diatese->
<diurese-1>
<dsp-5>
<eac-1>
<ehvv-6> - amplipensamento para acetato da palestra [bodymind] – série na
totalidade como link [bodymind]
<ehvv->
<ehvv-série>
<eliade->
<emocoes> - emoções dos órgãos
<erros-0> - 16-8-95 + palestra urgente
<es-2> - não encontrei
<esbs-13> - bibliografia abreviada s/ ciências do maravilhoso
<esbs-5-> - 15-2-97

<fb-1> - boas passagens para amplipensamentos (acetatos) da palestra [bodymind]
<fb-série>
<ficha-3> +
<ficha-série> +++ palestra urgente
<forest->
<genes-série>
<gm-1>
<guille-7> +++ palestra urgente
<jdg-1>
<leg--1>
<lembrete> - c/ passagens para amplipensamentos [bodymind]
<lsg-0>
<mariana1>
<mde1> +++ palestra urgente
<mdee-1>
<mdh-1> - durante o sono, o que há?
<ndeg-1>
<nucleo-0> - 31-7-96
<pdm-1> - 13-11-96
<pilares-série>
<propos->
<psi> - 29-10-98
<quadro-1> - 14-11-96
<rdm-1> - c/ passagens para amplipensamentos [bodymind]
<satillar>
<se-1>
<shen-> série boa para [bodymind]
<shen-0> - p/ tese (póstuma) de bioinformação
<shen-2> p/glossário das bioenergias [bodymind]
<shen-5> - p/ relógio biológico (c/ gravuras) da tese s/ bioinformação [bodymind]
<shen-série>
<sol->
<tame->
<tcp-15>
<tcp-18>
<tcp-19>
<tss-1> +++ palestra urgente
<vernet>
+

<bodymind-8 A>

O ESSENCIAL E O ACESSÓRIO

A

PARADIGMA DO MARAVILHOSO

Radiestesia Holística
Autocura iniciática
Magia
Alquimia
Ciências sagradas

Macro-Microcosmos
Eternidade
Impermanência
Liberdade
Autosuficiência
Dono e mestre de si-mesmo
Mudança e Transmutação
Astrosfia/Cosmogonia
Deus
Leis cósmicas
Confiança em si mesmo

B

PARADIGMA ORDINÁRIO

Radiestesia Vulgar
Terapeutas/ Terapias
Bruxaria/Magia Negra/Etc
Bioquímica alimentar
Ciência profana

Terra-a-Terra/Electromagnetismo
Efemeridade/Imediato
Hedonismo epicuriano e consumista
Cem servidões
Assistanato/Dependência de outro
Submissão a mestres
Imobilismo/Estagnação milenar
Astrologia vulgar
Diabo
Caos humano e científico
Fatalismo cármico/Pessimismo cósmico

+

<bodymind-8 B> quinta-feira, 2 de Maio de 2002

PARADIGMA
DO MARAVILHOSO

Radiestesia Holística
Leis lógicas
Autocura iniciática
Magia
Alquimia
Ciências sagradas
Macro-Microcosmos
Eternidade
Impermanência
Liberdade
Autosuficiência
Dono e mestre de si mesmo
Mudança e Transmutação
Astrosfia/Cosmogonia
Deus
Leis cósmicas
Confiança em si mesmo

PARADIGMA ORDINÁRIO

Radiestesia Vulgar
Leis Analógicas
Terapeutas/ Terapias
Bruxaria/Magia Negra/etc
Bioquímica alimentar
Ciências profanas
Terra-a-terra/Electromagnetismo
Efemeridade/Imediato
Hedonismo epicuriano e consumista
Cem servidões
Assistanato/dependência de outro
Submissão a mestres
Imobilismo/estagnação milenar
Astrologia vulgar
Diabo
Caos humano e científico
Fatalismo cármico/Pessimismo cósmico ♥🎵